

O sonho não errou de endereço

Pseudônimo: Nina

Quando eu era criança, dizia à minha mãe que, um dia, apresentaria o Jornal Nacional ao lado de William Bonner.

Ela sorria.

Talvez porque soubesse que os sonhos das crianças costumam mudar de roupa conforme o tempo passa.

Eu também queria ser como Glória Maria. Não era apenas pelas viagens, mas pela maneira como ela voltava delas. Glória atravessava oceanos e fazia o mundo caber dentro da televisão da nossa casa.

Naquela época, eu não sabia explicar isso. Achava apenas que queria conhecer lugares. Hoje percebo que queria conhecer histórias.

Enquanto outras crianças brincavam de professora, médica ou cantora, eu improvisava um telejornal. Qualquer objeto comprido virava microfone. A sala de casa transformava-se em estúdio. As notícias eram inventadas. A vontade de contá-las, não.

O tempo fez aquilo que costuma fazer com todos nós: mudou os caminhos.

Não me tornei jornalista. A vida me conduziu a outra profissão. Vieram os estudos, o banco, as metas, os números e as planilhas.

Durante muitos anos, pensei que tivesse abandonado aquele sonho infantil em alguma esquina da vida adulta. Até que, certo dia, percebi uma coisa curiosa.

Todos os dias, eu continuava fazendo exatamente o que fazia na sala da minha casa. Só havia mudado o cenário. Em vez de explicar notícias, eu explicava decisões. Em vez de traduzir acontecimentos, traduzia números. Em vez de falar para uma câmera imaginária, conversava com pessoas que chegavam carregando dúvidas, medos e expectativas.

Foi então que compreendi algo que nenhuma criança consegue imaginar: os sonhos nem sempre acabam. Às vezes, apenas encontram outro endereço.

Na mesma época, reencontrei um velho caderno da escola. Entre redações e exercícios, descobri uma menina tentando escrever sobre a dor de pessoas que sequer conhecia.

Sorri.

Ela ainda entendia pouco sobre a vida, mas já compreendia algo essencial: escrever era sua maneira de diminuir distâncias.

Fechei o caderno.

Pela primeira vez, enxerguei uma linha invisível ligando aquela menina à mulher que eu havia me tornado. As duas tinham a mesma mania: gostavam de explicar. Não porque soubessem mais, mas porque aprender sempre foi a forma mais bonita que encontraram de cuidar dos outros.

Talvez seja por isso que eu nunca tenha deixado de estudar. Cada curso concluído, cada livro lido e cada pergunta feita carregavam o mesmo propósito: transformar o aprendizado em algo que pudesse ser compartilhado.

Foi assim que descobri que ensinar não começa quando alguém sobe em um palco, nem quando segura um microfone. Ensinar começa quando alguém acredita que o conhecimento só faz sentido depois que encontra outro coração.

Hoje, ainda sonho em palestrar. Ainda gosto de escrever. Ainda me emociono quando consigo transformar um assunto difícil em algo compreensível.

Talvez aquela menina tivesse razão. Um dia, ela realmente estaria diante de pessoas para contar histórias. Apenas não sabia que a vida escolheria outro cenário.

Não apresentei o Jornal Nacional. Não viajei pelo mundo como Glória Maria. Mas descobri que existem viagens que acontecem dentro das pessoas.

Hoje compreendo que meu lugar nunca foi necessariamente diante de uma câmera. Sempre foi diante de alguém.

Porque algumas histórias apenas informam. Outras transformam.

E, se um dia eu for lembrada, espero que não seja pelas palavras que escolhi, mas pelas pessoas que, depois de ouvi-las, descobriram uma nova maneira de enxergar a própria vida.